



- “Uma iniciação ou o reconhecimento do outro a partir da experiência de Projeto”.

Carla da Costa Dias
PUC-Rio Dept.: Artes e Design

“...as minhas relações com as coisas, porém, encontram-se, também elas, desnaturadas pela minha solidão. Quando um pintor ou um gravador introduz personagens numa paisagem ou na proximidade de um monumento, não é por gosto do acessório. As personagens dão a medida e, o que é ainda mais importante, constituem pontos de vista possíveis que, ao ponto de vista real do observador, acrescentam indispensáveis virtualidades. ...A linguagem depende fundamentalmente daquele universo povoado onde os outros são faróis que criam ao seu redor um ilhéu luminoso, em cujo interior tudo é, se não conhecido, pelo menos cognoscível”.

(Tournier, Michel. Sexta-Feira ou os Limbos do Pacífico)

Introdução

O outro, que fornece o limite, que desenha a fronteira.... O Design como disciplina, vem se constituindo no campo das ciências humanas, no campo da produção artística, deste modo as questões metodológicas permeiam campos distintos. A dinâmica deste trabalho envolve ou exige uma prática interdisciplinar, na medida em que percebemos esta disciplina constituída pela relação com outras. Nesse sentido torna-se fundamental explicitar o arranjo proposto, isto é, tornar o mais claro possível a constituição do lugar de onde o discurso parte ou melhor, o lugar do olhar, de modo a tornar explícito, o mais possível, o “ponto de vista”.

A partir de um olhar analítico, constituído pela campo da Antropologia Social, proponho neste artigo, um exercício reflexivo, acerca da proposta metodológica da disciplina de Projeto, e de suas aproximações com a antropologia social. e, percebendo, o

como lugar de origem desta metodologia, deste modo de “ensinar” Projeto que se estruturou no ambiente desta Universidade, em meados década de oitenta.¹

O surgimento do outro e o conhecimento pela experiência

A alteridade, tema eleito para reflexão, será pensado na interface entre a antropologia e o design, como possibilidade de conhecimento e construção de um diálogo formal. O confronto entre vários pontos de vista, diálogo novo. Uma vez que fatores como contexto de pesquisa, orientação teórica, momento sócio-histórico e até personalidade do pesquisador e ethos dos pesquisados influenciam o resultado obtido. Este pode ser considerado um aspecto bastante complexo da disciplina. No Iluminismo existia uma preocupação com a anulação da observação, observação sem sujeito. O Romantismo, introduz o ponto de vista do observador é a produção de um método a partir da observação, surge a necessidade de um sentimento em relação a coleta para produção de um fato.. A ênfase no todo, na relação que o observador tem com o objeto observado, pressupondo que não deva haver aquela neutralidade que o universalismo propõe. Ao contrário da idéia de uma abstração absoluta do sujeito, e a realização de experiências laboratoriais, o Empirismo faz com que o observador se sinta comprometido. No Romantismo, a idéia de que o observador esta implicado na coisa que observa e no processo de observação, isto é, o sujeito esta presente no processo de observação e análise², traz em si, um compromisso com a totalidade da apreensão do mundo, ao contrário de perceber as partes. É neste contexto que surge a antropologia como ciência do outro, e utiliza como método de compreensão desta totalidade da vida “nativa”, o trabalho de campo, a pesquisa etnográfica.

Malinovski, considerado fundador deste método de conhecimento do outro, defini Observação Participante como um “processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador esta face a face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário, colhe dados.” Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (Malinovski, 1990) . A questão da liminaridade, de se estar dentro ou fora de uma situação a ser pesquisada, experiência decisiva e baseada numa provisória "desinserção", onde o acontecimento e a consequente configuração de um nível de pertencimento do pesquisador, viabiliza relações com a

¹ Como aluna do curso de Desenho Industrial da Puc-Rio, de 1987 a 1993, realizei meus Projetos de acordo com a proposta metodológica designada na época “Desenho Social”. No curso de Mestrado, realizado na área de Antropologia da Arte, pude encontrar as bases teóricas que estruturaram esta prática. José Luiz Mendes Ripper, conhecedor do campo, tinha contato com Maria Heloísa Felon Costa, antropóloga do Museu Nacional e fundadora do curso de Antropologia da Arte da Escola de Belas Artes, junto com Berta Ribeiro.

² Gusdorf, cita Novalis, o poeta romântico, para ilustrar a proeminência da subjetividade do sujeito na constituição do conhecimento, empiricamente analisado. “Na nova teoria do conhecimento, como um homem poderá compreender uma coisa sem ter o germe dentro de si? O que eu quero compreender deve estar em mim segundo leis organicas, e o que pareço aprender, um alimento e uma incitação...” (apud Gusdorf)

população que lhe abrem acesso a diversas informações sobre a vida na aldeia. Assim, o olhar construído também é resultado de uma relação entre o pesquisador e os sujeitos, pois diante do instrumental do pesquisador a representação adquire contornos próprios, que em alguma medida registra, dá a perceber nuances da representação que se estabelece; do jogo de informações que se tenta obter, por parte do observador, e que se permite dar, por parte do observado, que nesta estratégia afirma sua posição de sujeito.

Lévi-Strauss, na ênfase que dá ao trabalho empírico como possibilidade de construção, a partir da ciência do concreto, de uma compreensão das estruturas de pensamento refletidas na totalidade da vida social, considera que quem melhor definiu a antropologia social foi Ferdinand Saussure, quando apresentando a linguística como uma parte de uma ciência, dá a esta o nome de semiologia e lhe atribui como objeto de estudo a vida dos signos no interior da vida social. “...não se pode estudar deuses ignorando suas imagens; ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que fabrica ou que manipula o oficiante; regras sociais, independente das coisas que lhes correspondem.” Portanto não se pode separar cultura material e cultura espiritual. É ainda Lévi-Strauss que diz: “os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a antropologia, que é uma conversação do homem com o homem, tudo é símbolo e signo, aquilo que se põe como intermediário entre dois sujeitos.”

O proposta de projeto

A proposta, a dinâmica deste trabalho envolve uma prática, uma experiência interdisciplinar, na medida em que percebemos o Design, enquanto disciplina, constituída pela relação com o outras. Parte-se do pressuposto de que não há neutralidade e que o trabalho é uma construção, portanto é proposto a escolha a partir de uma busca, para em certa medida se mapear e identificar outros, ainda indivíduos, pois são uns no meio de outros. Na medida em que se elege o objeto, que neste caso é sujeito, este é então reconhecido em sua singularidade, constituída em sua alteridade de sujeito.

Após a definição do ambiente do Projeto, como dito anteriormente, parte-se para o levantamento de dados, utilizando-se da metodologia trazida da antropologia social, a observação participante, o método de trabalho de campo. Malinowski, delineia certos procedimentos fundamentais do trabalho de campo, da pesquisa empírica. Para o autor, um diário, sistematicamente elaborado durante todo o processo de pesquisa seria o instrumento ideal para o estudo, registrando o desenrolar de um ato, as ações dos atores sociais envolvidos assim com tudo que possa lhe possibilitar uma compreensão. O autor também vai falar da necessidade, quando da inserção, de as vezes se deixar de lado, a máquina fotográfica, o caderno e o lápis, e se integrar nos acontecimentos, participar, sentar, ouvir, enfim, tomar parte. “Destes mergulhos ... saí com a nítida sensação que seu comportamento, sua maneira de ser e todos os tipos de relacionamentos na tribo se tornavam mais transparentes e mais facilmente compreensíveis do que eram antes” (1990:58). Para Malinowski, certos procedimentos metodológicos são recomendados para que se possa compreender o ponto de vista do “nativo”, sua relação com a vida, sua visão de mundo. E diz: “devemos estudar o homem e o que mais intimamente lhe diz

respeito...”. Em cada cultura, os valores são ligeiramente distintos, os indivíduos aspiram por objetivos diferentes, seguem impulsos diversos, anseiam por formas distintas...

O Diário de Campo, proposto por Malinowski, é também incorporado, devem ser registradas num “caderninho” palavras ouvidas, comentários, relatos de observação e fundamentalmente, os modos de comunicação do grupo, as ‘outras’ formas de se comunicar, os valores, os sinais. Mas, ao contrário do “isolamento” desejado na pesquisa etnográfica de longa duração, os relatos são atualizados, trazidos para o grupo de origem do ‘observador’, no caso a sala de aula Barraca, na mesmo ritmo com que são ‘coletados’, de modo que todo o grupo é em certa medida participante indireto desta observação. Em relação ao denominado “olhar de aprendiz”, Malinowski já chamava atenção para o perigo de idéias “pré-concebidas”. Para ele, se não se for capaz de mudar constantemente seus pontos de vista e de rejeitá-los sem relutância, o trabalho é inútil.

As palavras anotadas são retiradas do contexto para serem reestruturadas em forma e significado. Reclassificadas pelo sujeito, a partir da experiência, também de um outro, que o observa. Podemos pensar no “Jogo de Palavras” a partir do quadro elementar de classificação sugerido por Durkheim e Mauss. Segundo os autores, as coisas não se apresentam por si mesmas tão agrupadas `observação, mas a palavra pode ajudar-nos a dar mais unidade e consistência.

O desenvolvimento de todo o processo de Projeto, envolve a participação de um conjunto de pontos de vista, construídos numa relação de troca e reciprocidade. Das palavras experimenta-se sua formalização, de modo que o pensamento é materializado, em cores, linhas e materiais diversos. São representações de uma experiência singular e diz respeito a um universo de significados identificados e sugeridos pela relação essencialmente social que se estabelece entre sujeito observador e sujeito observado.

Considerações Finais

A disciplina é sobretudo artesanal, interpretativa e microscópica, que liga o particular mais minúsculo ao universal mais abrangente, um processo onde, numa experiência circunscrita no tempo e no espaço, a desconstrução de estereótipos formais para a partir deste, construir possibilidades antes não pensadas. É então que como fruto do trabalho de cada um.³ O meio social e cultural em que nos movimentamos estrutura nossos pensamentos e sentimentos de uma maneira definida. Pensar em técnica significa pois, pensar em uma ação socializada sobre a matéria, uma produção social que varia segundo as sociedades e culturas.

³ No processo de produção artesanal, o papel que o trabalhador desempenha no processo produtivo depende muitas vezes, de sua própria capacidade e conhecimento para ser criado, em razão deste conhecimento não estar sistematizado, geralmente se constitui na relação direta com o próprio trabalho. O que significa que é trabalhando que se aprende a trabalhar, experimentando as possibilidades do material, quebrando; consertando; entortando ou copiando.

Os objetos assim, possibilitam o reconhecimento da diferença, logo os processos de construção de identidades. Portanto, no estudo dos objetos é fundamental que se pense, em quem faz; que implica em pensar em como se faz; ou para quem se faz; ou mesmo para que se faz; e onde se faz; quando e porque se faz, e principalmente como estas questões se modificam no tempo. A relação com os objetos é pensada como fator de “formação”, isto é, como um processo onde tenta se perceber as sujeitos se construindo junto aos objetos: na manipulação da matéria, no fazer, no construir e experimentar, na observação do uso. Ao serem “usados”, em certa medida, reificam todo o processo pelo qual estes mesmos objetos foram feitos, pois como diz Baudrillard, “o objeto concreto não é feito de “partes”, é uma unidade em si, não são partes que formam o todo, e sim o todo em si, isto é, a parte é o todo, como um sistema unificado”.

Podemos pensar no processo de interiorização descrito por Berger e Luckman como sendo um dos momentos da dialética social, o momento onde é apreendido um acontecimento objetivo como dotado de sentido, “como manifestação de processos subjetivos de outrém, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo” (1973). Perceber as linhas que contornam e que formam o desenho, observar a forma que elas tomam, é a possibilidade de desenhar. Um desenho coletivo, pois, esboçado no contexto das relações sociais geradas durante o Projeto.⁴ Desde modo, utilizando um método de pesquisa próprio da antropologia, experimenta-se rever conceitos estabelecidos pelo senso comum, os “pré conceitos”. Dois universos distintos, as configurações formais elaboradas a priori, e a observação, participação e experimentação da realidade “nativa” com a qual se convive. Há portanto algo de particular e de individual nesse processo, que resulta, na pesquisa de campo, das dúvidas e questionamentos a que estão sujeitos nossas idéias e hábitos mais caros. Ao conviver, aprende-se e apreende-se um ethos específico, do respeito à alteridade e a reconhecer o relativismo dos grupos sociais, da horizontalidade das práticas humanas. Como resultado de um processo de iniciação, o estudante passa a identificar o modo que outro elabora suas representações.⁵ A proposta parte de um reconhecimento de um outro que deve ser buscado, reconhecido para partir da relação constituída, identificar os limites de si. também que fala sobre a capacidade dos objetos expressarem a identidade de quem os produz, de carregarem a mensagem, através dos objetos, pode-se falar de uma existência.

Compreender como Berger e Luckmann (1973) a socialização como um processo dialético, em curso composto de três momentos básicos, sendo eles: exteriorização,

4 ver Berger & Luckman : “Um sistema de sinais objetivamente praticável confere uma condição de incipiente anonimato às experiências sedimentadas, destacando-as de seu contexto original de biografias individuais concretas e tornando-as geralmente acessíveis a todos quantos participam, ou podem participar no futuro, do sistema de sinais em questão. As experiências tornam-se assim facilmente transmissíveis.”(1973:96)

⁵ Ver Berger e Luckmann: “a socialização primária é o primeira socialização que ocorre na infância e pela qua o indivíduo, criança, torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.”(1973)

objetivação e interiorização, faz com que se perceba a transmissão também como um processo em curso, sendo inclusive base da dialética social ao mesmo tempo que representa a interiorização do universo social. A transmissão é facilitada através de um processo que Berger e Luckman chamam de “sedimentação intersubjetiva” que ocorre quando experiências individuais se incorporam em um acervo comum de conhecimento, sendo a linguagem sua base e instrumento pelo qual a transmissão na tradição é efetivada, isto é, através da linguagem o conhecimento torna-se uma possibilidade acessível a todos, uma “objetivação de experiência na linguagem”. Para os autores, a linguagem é portanto a forma, objetiva as experiências partilhadas, servindo de base e instrumento do acervo coletivo de conhecimento. Sedimentação portanto, tem a ver com experiência e é a experiência que nos interessa.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos Objetos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- BERGER, Peter L. & LUCKMAN, Thomas., 1973. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução” In: *Os Pensadores*, 1975.
- DABUL, Lígia. *Um percurso na Pintura*. Niterói: EdUFF. 2001
- DIAS, Carla. “ ‘A tradição nossa é essa, é fazer panela preta’ produção e material e transformações sociais entre as artesãs de Goiabeiras”. Dissertação de mestrado, EBA/UFRJ. 1999.
- DURKHEIM, E & MAUSS, M. 1968. De quelque formes primitives de classification. In M. Mauss (Ed), *Ouvres* Paris: Minuit.
- FOOTE-WHYTE, William., “Treinando a Observação Participante”, In Guimarães, Alba Z. Org. *Desvendando Máscaras Sociais*. Francisco Alves Ed. Rio de Janeiro 1990
- GUSDORF, G. Le divorce de la science et de la philosophie: du positivisme au scientisme. In *Introduction aux Sciences Humaines. Essai critique sur les origines et leur développement*. Paris: Ophrys.
- LEVI-STRAUSS, Claude. “Aula Inaugural” In Guimarães, Alba Z. Org. *Desvendando Máscaras Sociais*. Francisco Alves Ed. Rio de Janeiro. 1990.
- _. *O Pensamento Selvagem*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional. 1970.
- MAGET, Marcel, 1962. *Guide d'étude directe des comportements culturels par Marcel Maget*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- MALINOWSKI, Bronislaw. “Objeto, Método e alcance desta pesquisa”. In Guimarães, Alba Z. Org. *Desvendando Máscaras Sociais*. Francisco Alves Ed. Rio de Janeiro. 1990.
- PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1995.
- POIRIER, Jean org., 1968. Histoire des moeurs.. Paris: Gallimard. *Encyclopédie de la Pléiade (I e II)*